

TRABALHANDO A HISTÓRIA E A LITERATURA: A SECA DE 1915 NA ESCRITA DE RACHEL DE QUEIROZ O QUINZE

WORKING HISTORY AND LITERATURE: THE DROUGHT OF 1915 IN THE WRITING OF RACHEL DE QUEIROZ *THE FIFTEEN*

Rusiane da Silva Torres¹⁰
Me. Halyson Rodrygo da Silva Oliveira¹¹

RESUMO: Este trabalho tem como objeto de estudo a obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz e outras fontes que retratam a grande seca de 1915, que acometeu o Nordeste brasileiro, notadamente o Ceará, estado da romancista. O nosso estudo busca mostrar até que ponto História e Literatura se entrelaçam. A História e a literatura são áreas de conhecimentos muitas vezes consideradas afins, sua maior divergência trata-se do método de escrita. A seca é um dos fenômenos naturais que mais devasta a população, sendo tal fenômeno fortemente ligado a região Nordeste, e esteve estampado nas principais obras da década de 30, escrita conhecida como romance regionalista. Dentre os principais historiadores mencionados na pesquisa, destaco Durval Muniz de Albuquerque Junior.

PALAVRAS-CHAVE: Rachel de Queiroz. Literatura. História.

ABSTRACT: This work has as object of study The work *the fifteen*, of Rachel de Queiroz And other sources depicting the Great Drought of 1915, that affected the Northeast of Brazil, notably Ceará, the state of the novelist. Our study seeks to show the extent to which History and Literature intertwine. History and literature are areas of knowledge often considered related, their greatest divergence is the method of writing. Drought is one of the natural phenomena that devastates the population, being such a phenomenon strongly linked to the Northeast region, And was stamped on the main works of the 1930s, a writing known as a regional novel. Among the main historians mentioned in the research, I emphasize Durval Muniz de Albuquerque Junior.

KEYWORDS: Rachel de Queiroz. Literature. History.

¹⁰ Discente do curso de História na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Bolsista do Programa Instituição de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. rusianehistoria@gmail.com.

¹¹ Orientador e professor da disciplina Orientação Teórico-metodológico e Estágio Supervisionado I no curso de História na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

1 INTRODUÇÃO

Que fenômeno é esse chamado Seca que assusta constantemente os moradores do sertão nordestino? Faz mais de cem anos de uma das maiores secas que atingiu a região Nordeste do país (2015 – 1915). Região essa que ainda convive com essa desgraça que devasta e empobrece a população. Que seca foi essa, que ainda hoje é temida pelos mais experientes? Mais de cem anos depois, a região ainda é castigada pelo fenômeno da seca. Em muitos casos, o gado continua morrendo de fome e de sede; as plantações continuam sem florescer e as poucas que florescem morrem; os sertanejos continuam sem água; o trabalho na lavoura vai sendo encerrado; os sertanejos não enxergam outro rumo a não ser vender tudo que construíram no sertão e tentar uma nova vida nos grandes centros urbanos.

A seca é elemento presente na construção da região que hoje chamamos de Nordeste. O fenômeno foi responsável em mostrar, para o país, um Brasil até então desconhecido. O país conheceu uma população com características próprias. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, na sua obra *A Invenção do Nordeste e outras artes* (2011), relata como se deu a invenção dessa grande região Nordeste. Para isso, ele usa vários aspectos, tais como a música, o folclore e as festas populares, a literatura, em especial o romance regionalista de 1930, dando a ênfase a José Lins do Rêgo, José Américo de Almeida e a grande Rachel de Queiroz¹² que merece destaque na literatura regionalista de 30.

O interesse em pesquisar a seca de 1915, sobre uma perspectiva da obra *O Quinze*, da cearense Rachel de Queiroz, surgiu durante o primeiro contato com outros documentos que também retratavam a seca, fontes essas encontradas no Museu Lauro da Escóssia, em Mossoró no Estado do Rio Grande do Norte. As principais fontes usadas na elaboração do presente trabalho são os jornais o

¹² Nascida em 17 de novembro de 1910, em Fortaleza-CE, Rachel de Queiroz, filha de Daniel de Queiroz e de Clotilde Franklin de Queiroz, descende, pelo lado materno da família, da estirpe dos Alencar, dessa forma parente autor ilustre de *O Guarani* (José de Alencar). Escreveu o livro “*O Quinze*” com apenas 20 anos de idade, em 1930. Em seguida vieram as obras *Caminho de pedras* (1975); *As três Marias* (1939); *Dôra, Doralina* (1975); *Memorial de Maria Moura* (1992), dentre outros. Quinta ocupante da cadeira 5, eleita em 04 de agosto de 1977, na sucessão de Candido Motta Filho e recebida pelo Acadêmico Adonias Filho em 4 de novembro de 1977, se tornando desta forma a primeira escritora a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Devido ao sucesso de suas obras, Rachel recebeu inúmeros prêmios, dos quais destaco: O Prêmio Nacional de Literatura de Brasília em 1980; O Prêmio Luís de Camões (1993); o título de Doutor Honoris Causa, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2000). Faleceu aos 92 anos, em 04 de novembro de 2003, na cidade do Rio de Janeiro. Mais informações em: <https://goo.gl/Q8RdzU>. Acesso em 01 de Maio de 2017.

Mossoroense, dos anos de 1915 e 1916, e o Jornal Comércio de Mossoró, do ano de 1915. As monografias produzidas pelos estudantes do curso de História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN também auxiliaram nessa pesquisa.

Esse artigo tem como intuito mostrar o fenômeno da seca mencionado na obra de Rachel de Queiroz e sua conexão com a realidade, evidenciando, dessa forma, a ligação entre a História e a Literatura.

2 HISTÓRIA E LITERATURA

Pesquisar uma temática cuja principal fonte analisada se trata de uma obra literária requer certos cuidados, uma vez que a obra, em especial *O Quinze*, da cearense Rachel de Queiroz, apresenta uma junção do mundo real (vivenciado ou contado) e o mundo da imaginação. Se a literatura estivesse ligada somente ao mundo real, ela seria um documento histórico; se fosse somente um produto da imaginação humana, sem a mínima conexão com fatos reais, seria sem importância para qualquer outra pessoa, que não o seu próprio escritor. A literatura apresenta assim uma fronteira entre o real e o imaginário. A função do historiador é limitar a invenção à realidade. Para isso, ele deve confrontar a obra analisada com outras fontes, ou seja, com outros registros que contenham o mesmo tema de pesquisa.

Para trabalhar com História e com Literatura, é necessário entender a interdisciplinaridade existente entre as áreas de estudo. A história afasta-se um pouco da filosofia e se engaja com outras disciplinas como a Sociologia, a Economia, a Antropologia, a Literatura. O Dicionário de Conceitos Históricos (2009) entende a interdisciplinaridade como sendo a troca de conteúdos e métodos entre diferentes áreas de conhecimento, superando a segmentação do conhecimento promovida pela multidisciplinaridade tradicional. Sem a concretização da Nova História, dificilmente uma acadêmica de História pesquisaria um tema usando como pilar principal uma obra literária.

Muitos são os estudos que tentam identificar a relação e as divergências entre a História e a Literatura, áreas consideradas afins. A História busca escrever os fatos ocorridos ao longo do tempo, fatos reais e com documentos que lhes transmitem certa confiança, documentos dos mais variados tipos: livros, cartas,

relatórios, imagens, dentre outros. A literatura, considerada uma arte, tira “proveito” da história para fazer seu objeto artístico. Usa temas relacionados à história para escrever sua obra. No entanto, usando a imaginação, atribuindo novos sentidos e significados aos fatos.

Podemos perceber algumas diferenças entre um texto de cunho histórico do texto literário. O primeiro elabora seu discurso a partir da análise de documentos e/ou fontes, enquanto a literatura usa seus métodos de escrita, entretanto não buscam modos que possam comprovar a legitimidade de seu discurso, uma vez que o objetivo da escrita não se trata em passar tal como ocorreu os fatos. Não podemos deslegitimar a escrita literária e os discursos produzidos por cada uma dessas áreas de conhecimento apresentam sentidos distintos. Sobre esses discursos produzidos, Pensavento salienta que “à concepção de que a História, tal como a Literatura, é uma narrativa que constrói um enredo e desvenda uma trama. A História é uma urdidura discursiva de ações encadeada que, por meio da linguagem e de artifícios retóricos, constrói significados no tempo” (PENSAVENTO, 2003, p. 33). A autora está levantando semelhanças entre as duas escritas. De princípio, ela ressalta que ambas apresentam caráter narrativo e que sua escrita sofre intervenção do ponto de vista do autor, onde ambas constroem significações relevantes sobre o período escrito.

Atualmente, obras literárias fazem parte do amplo repertório de fontes usadas pelos historiadores, mas nem sempre foi assim. A aceitação da obra literária como documento de pesquisa ocorreu com a substituição da História produzida na escola metódica pela produzida na Escola do Annales. Na escola metódica a função do historiador seria:

Recuperar os eventos, suas interconexões e suas tendências através da documentação e fazer-lhes a narrativa. Essas tendências, esses trabalhos da história, podiam ser vistos no Estado e em suas atividades – a história se limitaria a documentos escritos e oficiais de eventos políticos. (REIS, 2006, p. 16-17)

Existia nesse momento, na escola Positivista, a construção de uma história tida como verdadeira, inquestionável e acabada, onde o principal ofício do historiador era transcrever o documento. Com o surgimento da Nova História, essa função se modificou e a história e seus objetos sofreram fortes e importantes mudanças.

A expressão Nova História designa a história sob a influência das ciências sociais, que começou a ser elaborada a partir do debate entre sociólogos, filósofos, geógrafos e historiadores, no início do século XX, e se corporificou na revista de história, *Annales d'Historie Economique et Sociale*, fundada em 1929, por Lucien Febvre e Marc Bloch. (REIS, 2000, p. 65).

Essa Nova Escola surgiu como uma crítica à História escrita pelos positivistas. Agora, o historiador não só escreve os fatos, ele problematiza, questiona, investiga, sempre dialogando com as outras ciências. O conceito de verdade histórica não existe, pois a história passa a ser vista como uma construção. Um dos maiores entraves às duas escolas, Positivista e Annales, diz respeito ao uso de fontes consideradas objetos de pesquisa. Os documentos tidos como oficiais passaram a ser estudados juntos de outras fontes. O historiador agora é quem escolhe seus materiais, seus documentos. E esses materiais pode ser uma música, uma imagem, um texto narrado, um filme, um texto literário.

Até que ponto a literatura pode ser objeto de pesquisa histórica? Quais as metodologias que o professor/historiador deve usar na escolha dessa fonte? Quando o tema central do livro se refere a um fato histórico, quais cuidados o pesquisador deve ter? Até onde história e literatura se aproximam? O que é literatura?

A historiografia levou algum tempo para admitir que a literatura pudesse contribuir para o conhecimento das experiências individuais e coletivas de homens e mulheres no tempo. Foi preciso compreender que a história também comportava dimensões subjetivas, imaginárias, oníricas, e ficcionais, tão importantes quanto os acontecimentos políticos, sociais e econômicos. Afinal, que outras fontes, a não ser as artísticas, dentre as quais sobressai a literatura, deixariam registros tão preciosos e plurissignificativos desse universo humano recôndito, frequentemente recalcado noutros documentos? (FERREIRA, 2015, p. 83)

Uma obra literária apresenta forte entrave entre o que é real e o que é ilusão. Trata-se assim da representação de um tema sobre o olhar do seu autor. O romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, dialoga com o tema da seca em quase todos os seus capítulos. Romance esse que deu a autora grande prestígio regional e nacional. Lembremos que o livro foi publicado em 1930, quando Rachel ainda

estava no auge de seus 20 anos de idade. Estamos tratando assim de uma escritora jovem.

O Quinze foi publicado em agosto de 1930. Não fez grande sucesso quando saiu em Fortaleza. Escreveram até um artigo falando que o livro era impresso em papel inferior e não dizia nada de novo. Outro sujeito escreveu afirmando que o livro não era meu, mas de meu ilustre pai, Daniel de Queiroz. E isso tudo me deixava meio ressabiada. Morava então no Ceará o jornalista carioca Renato Viana, que me deu os endereços das pessoas no Rio de Janeiro, uma lista de jornalistas e críticos para os quais eu deveria mandar o livrinho. O mestre Antônio Sales, que adorou o livro, também me deu outra lista. Então, me chegou uma carta do meu amigo Hyder Corrêa Lima, que morava no Rio, convivia com Nazareth Prado e a roda de Graça Aranha. Hyder mostrava na carta o maior alvoroço e contava o entusiasmo de Graça Aranha por *O Quinze*. Depois veio uma carta autografada do próprio Graça, realmente muito entusiasmado. Em seguida começaram a chegar críticas, de Augusto Frederico Schmidt (no “Novidades Literárias”), do escritor Artur Mota, em São Paulo; foram pipocando notas e artigos, tudo muito animador. No Ceará, não. Não me lembro de nenhuma repercussão. Depois, quando a coisa virou, é que o livro começou a pegar por lá. (QUEIROZ, 1998, p. 31)

Notamos severas críticas em relação à obra de Rachel de Queiroz, demorando a ser sucesso de elogios e venda no Estado Natal de escritora. Dessa forma, podemos dizer ainda que a obra demorou a “pegar” no Estado do Ceará, devido entre outros fatores, boatos que circulavam: que não era ela a autora, sendo seu nome era apenas um pseudônimo; que o verdadeiro autor seria o pai da jovem Rachel; que a obra era plágio da obra de Jose Américo. Entretanto, conforme o trecho de Rachel, depois que a obra “pegou” no estado, o sucesso e a boa elaboração da trama ficou em evidência e esses boatos foram colocados em segundo plano e aos poucos esquecidos. Hoje, *O Quinze* é considerado um dos maiores destaques da literatura dos anos 30, responsável por mostrar um povo e seus costumes para todo o país.

3 A ESCRITA REGIONALISTA

O final da década de vinte e o início da década de trinta, do século XX, são marcados por transformações na literatura. O romance brasileiro, escrito nesse momento, inspira-se nos temas presenciados em sua região e os autores escrevem

suas obras fazendo uma denúncia ao real cenário brasileiro. Espera-se nessa ocasião produzir artes com características brasileiras e não mais europeias, como ocorria até então. A literatura dos anos de 30 estava preocupada em escrever a História da nação e do seu povo, seja ele branco, mestiço, rico, pobre, culto ou sertanejo. Outra importante característica desse período é que cada autor focava no seu lugar de fala.

Os autores são áridos, secos, pontiagudos, lembra o deserto, o cacto. A identidade do autor é estabelecida com base na relação dele e suas obras com o espaço que quer representar, embora alguns, como Graciliano Ramos, procurem realmente afirmar no próprio estilo, na leitura da linguagem, na sua forma de expressão, a imagem da região que constrói. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 124).

Os autores desse período se preocupavam em criar personagens simbólicos, que representavam a população. Existe uma crítica, nesse momento da nossa escrita: “a crítica trata de legitimar e eleger a região como o lugar da produção literária da nação” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 124). De um lado a literatura paulista, com suas histórias de aventuras e conquistas, elevando a figura dos bandeirantes. Do lado oposto, o romance nordestino com suas histórias rústicas, incultas e, ao mesmo tempo, fortes, pois mostram homens que, apesar de todas as dificuldades existentes, não desistiram da vida. Durval Muniz (2011) analisa o romance de trinta como “uma literatura verdadeiramente brasileira por estar ligada à região que menor influência estrangeira havia sofrido e também por ser a síntese de todas as suas contradições, os contrastes sociais e naturais” (*idem*, p. 124). A escrita produzida nesse período traz a ideia fiel do povo nordestino.

A seca foi um dos grandes temas da escrita dos anos 30. O fenômeno é um dos responsáveis pela existência de espaço, que se denominou Nordeste. Isso se deu por diversos fatores, dentre eles podemos citar as práticas de apoio aos retirantes, o controle da população miserável e faminta, o auxílio nos “campos de concentração”. “A seca foi decisiva para pensar o Nordeste como um recorte inclusive ‘natural’, climático, um meio homogêneo que, portanto, teria originado uma sociedade também homogênea” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 138). Sobre a escrita regionalista brasileira Antonio Candido cita:

[...] a língua e os costumes descritos eram próximos dos da cidade, apresentando difícil problema de estilização; de respeito a uma realidade que não se podia fantasiar tão livremente quanto a do índio e que, não tendo nenhum Chateaubriand para modelo, dependia do esforço criador dos escritores daqui. A obtenção da verossimilhança era, neste caso mais difícil, pois o original estava ao alcance do leitor. Daí a ambiguidade que desde o início marcou o nosso regionalismo; e que, levando o escritor a oscilar entre a fantasia e a **fidelidade** ao observado, acabou paradoxalmente por tornar artificial o gênero baseado na realidade mais geral e de certo modo mais própria do país. (CANDIDO, 1975, p. 35, grifo do autor)

Fidelidade é um termo que merece destaque na citação de Antonio Candido. O cenário seco e áspero, descrito por Rachel, é visível para qualquer visitante ou morador do Nordeste: a paisagem com folhas secas, com o gado magro, caindo de fome, com os açudes rachados de secos. Outra fidelidade que Rachel transmite na sua escrita diz respeito linguagem. Termos característicos típicos da região estão presentes nas páginas da obra. Podemos citar o exemplo de “arribar”, “mundiça”, “medonhas”, “agouro”, dentre outros termos.¹³ Rachel frisa que sua escrita está longe do regionalismo fabricado por muitos escritores, mas ela escreve o que escuta, a linguagem que ouviu de seus avós, pais, a linguagem do povo. “Eu sou um produto de minha terra, não é? Não teria como ser diferente. E falo a linguagem do povo da minha região; neste sentido estou longe daquele regionalismo fabricado que já contamina até o cordel. Eu me louvo de ser espontânea” (QUEIROZ, 1997, p. 26). O lugar e a convivência popular influenciaram a escrita da cearense.

4 ANÁLISE DAS FONTES

A seca é uma das calamidades naturais que mais devasta a população. Ela traz consigo verdadeiras cenas de dor, e também fome, miséria e desespero ao povo do sertão. O Sertanejo não tem sossego, mal inicia o ano e a grande questão é a chuva. Notícias, previsões e experiências circulam no Nordeste brasileiro nos primeiros meses do ano. A edição nº 268, de 10 de abril de 1915, do Jornal O

¹³ Os termos citados estão presentes nas páginas 31, 75, 81 e 94 respectivamente. QUEIROZ, Rachel de. 2004.

Mossoroense traz um artigo intitulado apenas de “Seca”, reportando-se sobre o inverno: “começam desde já os anseios e receios dos nossos sertanejos sobre a visita ou ausência deste natural factor de nosso progresso e prosperidade”. A seca é vista dessa forma como fator que impossibilita o desenvolvimento e o progresso da população, dos animais e das plantações. “A seca é o nosso maior inimigo”, essa foi a expressão usada como título de artigo no Jornal Comercio de Mossoró, de 13 de março de 1915, edição nº 550. O texto refere-se ao “Inimigo a vista” e aborda as previsões sobre as chuvas: “não é tempo ainda de perder as últimas esperanças de inverno no presente ano. Não é tempo de alarmar a população nem devemos incutir temores e desânimos ante o espetáculo de uma seca. [...] o desânimo não salva o gado, não produz lavouras, não melhora em nada a situação”.

Nos três primeiros capítulos do livro *O Quinze*, presenciemos os personagens principais (Conceição, Vicente e Chico Bento) questionarem entre si a presença ou a ausência da chuva no ano.

- E nem chove, hein, Mãe Nácia? Já chegou o fim do mês... nem por você fazer tanta novena...

Dona Inácia levantou para o telhado os olhos confiantes:

- Tenho fé que em São José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar até me abril. [...]

- Eh! A lua limpa, sem lagoa! Chove não!... (QUEIROZ, 2004, p. 11 e 12)

Quando chega março, a situação é diferente. Afinal, as esperanças vão se esgotando e as experiências populares começam a circular em todo o sertão nordestino, dentre elas destaca-se a importância da presença da chuva no dia São José, expressões como: “Se não chover até 19 de março, dia de São José não chove mais” A partir desse momento, a única certeza que encontram é que o gado vai morrer e os açudes vão secar. Foi justamente nesse mês que iniciou o sofrimento de Chico Bento e sua família. Chico Bento, pai de família, trabalhava na fazenda de Dona Maroca.

Minha tia resolveu que não chovendo até o dia de São José, você abra as porteiras e solte o gado. É melhor sofrer logo o prejuízo do que andar gastando dinheiro à toa em rama e caroço, pra não ter resultado. Você pode tomar um rumo ou, se quiser, fique nas Aroeiras, mas sem serviço da fazenda. Sem mais, do compadre amigo... (QUEIROZ, 2004, p. 25)

Nesse momento, não teremos mais ensaios de tragédias, mas verdadeiras cenas de dor. Chico Bento se encontra faminto, sem emprego, dinheiro, restando apenas duas opções na sua vida: emigrar ou morrer.

Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar. Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse. Depois o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha. Alta noite, na camarinha fechada que uma lamparina moribunda alumia mal, combinou com a mulher o plano de partida. Ela ouvia chorando, enxugando na varanda encarnada da rede, os olhos cegos de lágrimas. Chico Bento, na confiança do seu sonho, procurou animá-la, contando-lhe os mil casos de retirantes enriquecidos no Norte. (*idem*, 2004, p. 11 e 12)

Emigrar ou Morrer foi o tema do artigo do jornal O Mossoroense do ano de 1915, da edição de 20 de novembro nº 404: “Emigrar ou morrer, eis um cruel dilema”.

Desde maio do corrente ano a secca, essa mãe execranda da fome e da peste, estende seus arraiais de devastações sobre a vastidão de nossas áridas campinas com a feiúra desencadeada de enorme incêndio nada poupando aos impulsos de sua sanha de extermínio. Eis a triste contingência do infeliz filho do Nordeste brasileiro Emigrar ou Morrer.

Desistir é um termo que não existe no vocabulário do homem sertanejo. Desta forma, a migração começa para as personagens do romance de Rachel:

O pequeno ia no meio da carga, amarrado por um pano aos cabeçotes da cangalha. De vez em quando, levava a mãozinha aos olhos, e fazia rah! Rah! Ah! Ah! Numa enrouquecida tentativa de choro. Cordulina chegava-se à burra para o consolar, ajeitava-lhe o chapéu de pano na cabeça. (QUEIROZ, 2004, p. 40)

Esse processo de migração era visto com certa rejeição, por parte dos governantes. Estes alegavam que esses miseráveis homens, transferidos de seus lares e fazendas, vagando de sítio em sítio, com fome e sede, teria um destino final: a morte. Para eles, retirar não é a solução dos males. Nos jornais do município de Mossoró, é evidente a preocupação do poder local com respeito a esses retirantes. Isso se dava por diversos motivos. Um deles era o medo de despovoar o sertão, “a retirada é um grande mal, ocasionador de doenças e mortes, e todos devem ter a

caridade de aconselhar o povo a não se retirar de seus lugares” (Commercio de Mossoró, 08 de maio de 1915, nº 556). Na mesma edição, em outro trecho do artigo, traz a ideia de um sofrimento desnecessário durante a migração, uma vez que o destino final, quase sempre é a morte, “passar mal por passar mal, deixe esta cada em sua terra: pelo menos evitam canseiras e longas viagens penosas, em meio ou no fim só encontram a morte” (Commercio de Mossoró, 08 de maio de 1915, nº 556). Na próxima edição do mesmo jornal, de 15 de maio de 1915, nº 557, o tema despovoamento é assunto de debate e discussão: “O povo migra para o Mato Grosso, tenhamos fé, confiança e trabalhemos venceremos, afinal o sertão do Rio Grande do Norte não ficará despovoado”.

Além do despovoamento do sertão, outra grande preocupação dos governantes diz respeito ao grande número de retirantes que ficam vagando e mendigando pelo centro da cidade. No caso da seca de 1915, no Estado do Ceará, os retirantes encontravam um lugar de refúgio, que era os campos de concentração. O objetivo dos campos de concentração era evitar que os retirantes alcançassem a cidade de Fortaleza, trazendo consigo o caos, a miséria, as doenças e a sujeira, como informaram jornais da época. Em 1915, criou-se o Campo de Concentração do Alagadiço, nos arredores da capital cearense, cenário do livro *O Quinze* de Rachel de Queiroz.

Quando Chico Bento e sua família chegaram ao campo de concentração encontraram centenas de miseráveis que se encontravam na sua mesma situação, sem rumo, sem comida.

E estendendo a vista até muito longe, até os limites do Campo de Concentração, onde os fogos luziam mais espalhados, o vaqueiro sacudiu na boca uma mancheia de farinha que oferecia a mulher, e procurando quebrar entre os dedos um canto de rapadura, murmurou de certo modo consolado:

- Posso muito bem morrer aqui; mas pelo menos não morro sozinho... (QUEIROZ, 2004, p. 93)

De fato, não morreria sozinho, o campo de concentração do Alagadiço chegou a juntar mais de oitos mil retirantes esfarrapados. Recebiam comida do governo. No entanto, as condições de higiene e segurança eram precárias. Rodolfo Teófilo, farmacêutico e escritor, descreveu sua primeira visita ao campo de concentração dizendo estar diante de, em breve, um “Campo Santo”:

Em um quadrilátero de quinhentos metros de face estavam encurralados cerca de sete mil retirantes. Percorri todos os departamentos daquele depósito de seres humanos. Abrigavam-se à sombra de velhos cajueiros. Via-se aqui e ali, uma ou outra barraquinha coberta de esteira ou de estopa, mas tão miserável era a cobertura que não impedia que a atravessassem os raios de sol. A cozinha era também ao tempo. [...] Pude então avaliar a péssima qualidade da carne, só digna de urubus. Informaram-me que aquela era boa, comparada a outras que mandara o fornecedor. Disse-me pessoa idônea que as reses que morriam de magras ou do mal, eram mandadas para o “campo de concentração”. (TRAVASSOS, *abud* Teófilo, 2011, p. 720)

A fé em Deus é marcante nas fontes analisadas: “paciência amigos, que Deus é brasileiro. Ele não há de deixar está boa gente sem um gesto de sua infinita misericórdia” (Commercio de Mossoró, 08 de maio de 1915, nº 556). Na verdade, o nordestino que vive na miséria, que diariamente enfrenta a seca, a fome, encontra em Deus, seu único refúgio. Podemos dizer que a religião é responsável por caracterizar o sertanejo, oferecendo-lhe uma identidade própria, uma cultura particular. Esperança e sonho são as únicas coisas que motivam os sertanejos que retiram em busca de uma vida melhor, que veem em novas terras, como São Paulo, Mato grosso, Amazonas, a possibilidade de uma nova vida. Sem esses sentimentos, muitos desistiriam e um dos desistentes, certamente, teria sido Chico Bento e sua família. Mesmo com tamanha fé, as necessidades logo começam a aparecer.

Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas.

- Mãezinha, cadê a janta?

- Cala a boca menino! Já vem!

- Vem lá o quê! ...

Angustiado, Chico Bento apalpava os bolsos... nem um triste vintém azinhavrado... (QUEIROZ, 2004, p.51 - 52)

A seca empobrece o rico, esfarrapa os bem vestidos, emagrece os gordos. A seca mata a saúde do homem e da sua alma, obrigando a renúncia dos mais dignos sentimentos da honra, da vergonha e do respeito. Quando a fome chega, desaparecem os amigos, as vaidades, as soberbas. O orgulho é deixado de lado: “há muita fome no povo. Vemos pessoas que não tem hábitos de pedir esmolas, vendendo trastes de casa, mala, faca, machado, etc. que é o primeiro indício das grandes necessidades” (Commercio de Mossoró, 08 de maio de 1915, nº 556).

Quando não resta mais nenhum meio de sobrevivência, só resta pedir esmola, conforme se lê no romance de Rachel de Queiroz:

Caindo quase de joelhos, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas que lhe corriam pela face áspera, suplicou, de mãos juntas:
 - Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher mais os meninos! Foi pra eles que eu matei! Já caíram com a fome...
 - Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem-vergonha!
 A energia abatida do vaqueiro não se estimulou nem mesmo diante daquela palavra. Antes se abateu ainda mais, e ele ficou na mesma posição de súplica. E o homem disse afinal, num gesto brusco, arrancando as tripas da criação e atirando-se para o vaqueiro:
 - Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez, dar-se tripas é até demais!... (QUEIROZ, 2004, p.72)

O retirante nordestino é um pobre miserável que não tem nem direito a uma sepultura digna. As fontes analisadas apresentam relatos de retirantes que não resistiram a dolorosa jornada e morreram antes de chegar ao destino final. Estes, por sua vez, não tiveram um enterro digno e uma cruz na sepultura, tendo seus corpos sido deixados no canto.

A vítima na estrada não tem direito nem a cruz da estrada, pois sepultada não foi, e só as brancas ossadas atestarão no futuro o seu desconhecido óbito [...] afastam-se do caminho e internam se no mato para que a decomposição não perturbe o que vem depois. (Commercio de Mossoró, 19 de junho de 1915, nº 562).

No caso do *O Quinze*, a situação não é diferente quando um dos filhos do pobre Chico Bento, o Josias, acabou não resistindo à longa caminhada, morrendo envenenado, devido à ingestão de mandioca crua. Morreu magro, só com a pele e o osso, mas para consolar a família, Chico Bento alegava que o menino tinha morrido com a barriga cheia.

Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com a cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai. Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois do mesmo buraco, à sombra da mesma cruz. (QUEIROZ, 2004, p.67)

Qual o destino final desses retirantes? Chegariam ao seu destino e viveriam em paz? Ou morreriam nos campos de concentração? E a chuva, quando vai

chegar? Os jornais pesquisados afirmavam que era necessário um período de cinco anos seguidos de chuva para reparar toda a desgraça de 1915. Rachel de Queiroz optou por finalizar sua grande obra com uma quermesse de Natal, realizada três anos após a seca.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito deste trabalho foi procurar analisar a obra de Rachel de Queiroz *O Quinze*, destacando o tema da seca de 1915, o processo de migração do personagem Chico Bento, o espaço do Campo de Concentração de Alagadiço, enfatizando a relação desses temas com a construção do Nordeste brasileiro, na década de vinte, do século passado. A pesquisa foi norteadada, destacando o entrave existente entre História e literatura. Percebemos que a maior diferença entre essas duas áreas de conhecimento diz respeito, principalmente, ao método usado na escrita, onde o historiador busca auxílio de fontes, enquanto o literário não necessariamente faz uso de fontes na elaboração da obra.

A seca empobrece a população, sendo capaz de destruir lavouras, matar o gado, devastar o sertão e arruinar a população. Sabemos que esse fenômeno ainda assusta o homem nordestino. As investigações da obra e das demais fontes mostraram que a literatura sem dúvidas foi adotada como uma rica fonte histórica. O historiador tem a missão de tomar a obra e estudar, analisar além do que está escrito, investigar as propostas e os objetivos que cada obra apresenta. Realizamos um estudo sobre a seca de 1915 em diversos meios de propagação de notícias, periódicos, narrativa literária, textos com cunho histórico e científico

Podemos dizer ainda que Rachel de Queiroz elaborou personagens com características que marcam os homens da região, ou seja, nos seus personagens, encontramos características presentes nos sertanejos, dos quais podemos enfatizar o espírito de bondade, amizade e a fé por dias melhores.

Nos dias atuais, muitos ainda consideram a seca como responsável pelo atraso em algumas áreas na região, principalmente no que diz respeito a concentração e distribuição da renda. Não podemos deixar de dizer que muito já foi feito para amenizar as consequências desse problema, gostaríamos de viver e ter a certeza que os cenários de dor e miséria nunca mais irão se repetir, mas isso não é

possível? Só o tempo dirá, levando em conta que a própria geografia do sertão brasileiro é seca.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *A invenção do Nordeste e outras artes*; prefácio de Margareth Rego. 5.ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. v. 2

FERREIRA, Antonio Celso. *A fonte fecunda*. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2015.

PENSAVENTO, Sandra Jatahy. *O Mundo como texto: Leituras de História e da Literatura*. 2003.

REIS, José Carlos. *A História entre a Filosofia e a ciência*. 3ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de conceitos históricos*. Kalina Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva. São Paulo, 2009.

TRAVASSOS, Lidiany Soares Mota. Uma História não contada: O Campo de Concentração para flagelados em 1915 em Fortaleza – Ceará. *Perspectiva Históricas: Historiografia, pesquisa e patrimônio*. Fortaleza, novembro, 2011.

FONTES

Jornal O Mossoroense. Anos, 1915, 1916 acervo. Museu Municipal Lauro da Escócia. Mossoró RN.

Jornal O Commercio de Mossoró. Ano 1915. Museu Municipal Lauro da Escócia. Mossoró RN.

QUEIROZ, R. de; QUEIROZ, M. L. de. *Tantos anos*. São Paulo: Siciliano, 1998.

_____. *O Quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

_____. *As três Rachéis (entrevista)*. In *Cadernos de Literatura Brasileira* (Rachel de Queiroz), n. 04, p. 20-39, set. 1997.